

BAKHTIN, A IDENTIDADE E A (EST)ÉTICA:  
POR UM DIÁLOGO COM AS TEORIAS DA PÓS-MODERNIDADE

Daniel do Nascimento e SILVA (Universidade Estadual de Campinas)

**ABSTRACT:** *Post-modernity is as a moment when one cannot identify any stasis or totality. Identity, knowledge and science are, more than ever, dependent on the subject's (dialogical) intervention. We propose, then, to talk about such categories in Bakhtin's language, promoting, also, in that language, a dialogue between Bakhtin and post-modernity.*

**KEYWORDS:** *identity; ethics; post-modernity; Bakhtin.*

- Não encontro ainda uma resposta quando eu me pergunto: quem sou eu? Mas acho que agora sei: profundamente sou aquela que tem a própria vida e também a tua vida. Eu bebi a nossa vida.

- Mas isso não se pergunta. E a pergunta deve ter outra resposta. Não se faça de tão forte perguntando a pior pergunta de um ser humano. Eu, que sou mais forte do que você, não posso me perguntar "quem eu sou" sem ficar perdido.

(Clarice Lispector, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*)

## 0. Introdução

Apesar da polêmica em torno da existência ou não de uma pós-modernidade, o fato é que categorias eminentemente modernas como 'identidade fixa', 'sujeito consciente', 'universalidade teórica', 'grandes metanarrativas históricas', entre outras, quando postas sob suspeita e vistas à luz das transformações por que passam as sociedades atualmente, não se sustentam mais. A perda da hegemonia econômica e política norte-americana (enfim, de seu centro) face aos atentados de grupos nômades e descentrados por excelência, as pressões exercidas pelas margens gays, negras e femininas contra a homogeneização compulsória de comportamentos e padrões imposta pelo centro heterossexual, branco e masculino, as constantes reivindicações do movimento de trabalhadores que reivindicam pela terra e, portanto, pela redistribuição do capital são exemplos de que as margens reivindicam voz, de que as identidades não são entidades postas *a priori*, fixas e uniformes. Ao contrário, identidades são da ordem do construto, proteiformes, negociadas no diálogo, às vezes

conflituoso, com a alteridade (cf. Rajagopalan, 1998; Giddens, 2002; Hall, 2002; Butler, 1998).

Se, por um lado, a crise dos paradigmas e das identidades e o mal-estar (diga-se de passagem, constitutivo) da pós-modernidade indicam que esta é uma época em que não se pode esperar por segurança, por outro lado, podemos verificar aí a necessidade de se trilhar um caminho que desemboque na crítica e reconsideração desses mesmos paradigmas. Assumindo-se uma tarefa dessa natureza, talvez nenhum outro nome seja tão eloqüente quanto o de Mikhail Bakhtin. Categorias como o dialogismo, a alteridade, a interação, a eventicidade do ser, se é que já não foram incorporadas pelo vocabulário das teorias pós-modernas, são, sem sombra de dúvida, relevantes para se considerar esse paradigma.

Aprender a falar a língua de Bakhtin e com ela dizer (talvez de uma nova maneira) a ciência e a identidade, promovendo também um diálogo, nessa língua, com o pensamento pós-moderno, é o que pretendo neste trabalho. De início, reconheço o risco dessa empreitada. Como afirma Ulisses, personagem do texto em epígrafe, a pergunta pela (auto)identidade dissemina incertezas. Não há identidade dada, apenas reivindicada, e “o lugar da identidade é um lugar sem lugar; em outras palavras, o lugar da identidade está no horizonte do impossível” (Ferreira, 2002:09). Dito de outro modo, a identidade é algo que nos escapa...

## 1. Questões pós-modernas

A pós-modernidade se apresenta como um paradigma de compreensão da experiência humana alternativo tanto à visão essencialista, baseada na metafísica da substância<sup>1</sup>, como à noção de totalidade<sup>2</sup> e segurança oferecidas pela modernidade. O domínio da técnica, a superioridade sobre a natureza e a centralidade do sujeito eram os alicerces sobre os quais a modernidade tentou construir seu sólido edifício. A crença num sujeito cognoscente, que pode confiar no seu pensamento como garantia de sua existência – *cogito, ergo sum*, cria o sujeito cartesiano – sintetiza a visão de sujeito moderna, seguramente um dos principais andares deste edifício.

Nos termos do pós-modernismo, essa visão de sujeito e de saber é posta à prova. Nessa perspectiva, deve-se encarar com desconfiança qualquer tipo de metanarrativa (Lyotard, 1998[1979]). A crítica pós-moderna às categorias modernas não significa substituir um domínio teórico que se percebe frágil por um outro, mais sólido. A própria pós-modernidade reconhece o seu caráter de metanarrativa, e isso implica,

aqui também, uma atividade de suspeita sobre o fazer dessa teoria. Há, portanto, o reconhecimento de que não se pode dar todas as explicações: o conhecimento é situado, contingente, assenta-se num terreno em que as essências não germinam, mas aposta na possibilidade da linguagem como ato, pragmaticamente mobilizada, por isso mesmo contingente e necessariamente em crise. Como argumenta Lyotard, trata-se de trabalhar os atos de linguagem no quadro de uma agonística geral. Para além de uma noção estreita de comunicação baseada num sujeito doador de sentido, enfatiza-se o caráter de polémica (*agôn*) que assumem os jogos de linguagem: “é que falar é combater, no sentido de jogar, e os atos de linguagem provêm de uma agonística geral” (Lyotard, p.17). Deve-se, portanto, encarar a linguagem, atividade constitutiva das experiências, do pensamento e da própria língua (cf. Franchi, 1977) como uma atividade necessariamente em crise. Nas palavras de Derrida, a linguagem carrega em si a necessidade de sua própria crítica (*apud* Ferreira, 2003).

O sujeito da pós-modernidade é descentrado e não é imune ao mal-estar. Aponto como figura emblemática da visão de sujeito e identidade, no âmbito da pós-modernidade, a personagem G.H. de Clarice Lispector (1964). G.H. experimenta intensamente o mal-estar dessa época: a partir de seu encontro epifânico com uma barata num território desconhecido de seu próprio apartamento, só lhe resta percorrer o necessário caminho das paixões (o que na religião pode se assemelhar a *via crucis* e na música, à *Paixão Segundo São Mateus*, de Bach), metáfora do caminho que segue a pós-modernidade.

Mas não se entenda descentramento ou mal-estar no sentido de individualismo ou niilismo. O sujeito problematizado pela pós-modernidade não pode negar que é constituído pela presença ubíqua – às vezes, paradoxalmente, temida – do outro. É de G.H. a seguinte fala: “vem, dá-me a tua mão que eu estou me doendo”. Se a pergunta constante sobre quem somos informa a urgência da reflexão sobre a identidade, tal pergunta não se pode fazer à revelia da alteridade. Diz G.H.: “Minha pergunta, se havia, não era: “que sou”, mas “entre quais eu sou” (p.28). Nos termos de Bauman:

(...) nas relações humanas, (...) o indivíduo se vê diante de um dilema terrível: de um lado, ele precisa dos outros como do ar que respira, mas, ao mesmo tempo, ele tem medo de desenvolver relacionamentos mais profundos, que o imobilizem num mundo em permanente movimento. (*apud* Pallares-Burke, 2003)

Daí também o mal-estar. G.H. sente que a *vida está lhe doendo* e, por isso, pede a “mão desconhecida” do outro. Pedir a mão do outro, nesse sentido, significa para ela não apenas uma ancoragem, a busca desesperada por uma segurança ontológica, mas também um passo, em meio ao mal-estar, rumo à busca de um sentido para a identidade:

- Ah, não retires de mim a tua mão, eu me prometo que talvez até o fim deste relato impossível talvez eu entenda, *oh talvez pelo caminho do inferno eu chegue a encontrar o que nós precisamos – mas não retires tua mão, mesmo que eu já saiba que encontrar tem que ser pelo caminho daquilo que somos, se eu conseguir não me afundar definitivamente naquilo que somos.* (p.73, grifos meus).

Como informa o relato de G.H., esta é uma época em que não se pode identificar uma *stasis*, uma segurança. Segurança ontológica, se é que podemos falar de alguma, não é algo a ser encontrado, mas a ser reivindicado rotineiramente nas atividades do indivíduo, conforme o pedido que faz G.H. pela mão do outro. Os mal-estares da pós-modernidade, afirma Bauman, provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (Bauman, 1998:10).

O que fazer diante da falta de segurança? Num ritmo que remete à descontinuidade da pós-modernidade em relação à tradição e aos processos nisso envolvidos, G.H. relata o seguinte:

Talvez desilusão seja o medo de não pertencer mais a um sistema. No entanto se deveria dizer assim: ele está muito feliz porque finalmente foi desiludido. O que eu era antes não me era bom. Mas era desse não-bom que eu havia criado um bem futuro. O medo agora é que meu novo modo não faça sentido? Mas por que não me deixo guiar pelo que for acontecendo? *Terei que correr o sagrado risco do acaso. E substituirei o destino pela probabilidade* (p.13, grifos meus).

Assumindo-se a concepção de linguagem e subjetividade, nos termos da pós-modernidade, como então dizê-las na língua de Bakhtin? O que isso pode disseminar para uma teorização sobre ciência e identidade? Com a coragem de "um sonâmbulo que simplesmente vai", cientes do caráter impossível da totalidade de um sistema e mesmo de uma

segurança dada, vejamos uma proposta de pensar esses temas na língua de Bakhtin.

## 2. O ato responsável

A problemática da ação, tema presente na agenda de variadas reflexões lingüísticas e filosóficas (especialmente na pós-modernidade), assume para Bakhtin um lugar privilegiado. Refiro-me especialmente ao seu primeiro trabalho, *Para uma filosofia do ato*, datado de 1919-1921, que informa sua posição sobre a ética. Interessa a Bakhtin o caráter responsável de cada ato único e irrepetível. Reconhecendo a cisão entre o *mundo da vida*, o lugar onde temos a real e única experiência de cada ato que realizamos, e o *mundo da cultura*, espaço onde objetivamos e damos sentido a essa experiência, Bakhtin investe na responsabilidade (ou respondibilidade), como alternativa a essa “perniciosa divisão”.

O que está em questão aqui é pensar uma vida responsável, “plena de riscos e transformando-se através das ações realizadas”, repleta de ações responsáveis, no curso de uma historicidade viva. A cognição teórica, a teoria fechada em si mesma é incapaz de construir uma *filosofia primeira* (*prima filosofia*) dessa natureza.

“Eu não posso incluir meu eu real e minha vida (como momento) no mundo constituído pelas construções da consciência teórica, em abstração do ato histórico individual e responsável. (...) Nesse mundo, nós nos descobrimos determinados, predeterminados, passados e terminados, isto é, essencialmente não vivos.” (Bakhtin, 1993)

Para Bakhtin, “ser” é ser responsável – é responder ao outro. Nossas ações responsáveis são as respostas que damos a outrem. É na eventicidade única do Ser-evento que, responsavelmente, realizamos nossos atos. Imbuídos de história, “pensando teoricamente, contemplando esteticamente e agindo eticamente”, não podemos encontrar um alibi para a existência. E existir é algo que se dá de uma vez por todas, pra valer. Tal como o amante que significa seu sentimento no “eu te amo e assumo todas as conseqüências que isso possa implicar”, o sujeito bakhtiniano reconhece que, uma vez existindo, isso é irreversível.

## 3. Est-ética

Em Bakhtin, o domínio da ética é o do evento singular. Evidentemente, não se trata aqui de pensar um conjunto de preceitos que determinem, *a priori*, o que é ser ético. Se a ética seguiu este caminho durante boa parte da história da filosofia desde Platão, em Bakhtin ela encontra outra direção. Agir eticamente é agir passo a passo, sendo que um passo compõe-se “daquilo que-é-dado” (algo que não está totalmente à mão) e o outro (na comunhão deste com as atitudes valorativas expressas na linguagem e contidas também no pensamento participativo) assume o caráter de algo-ainda-para-ser-alcançado”. O fato de assumirmos uma postura axiológica diante dos objetos de que falamos implica deslocá-los para o lugar de constituintes do “evento vivo em processo”.

“Tudo que é realmente experimentado é experimentado como algo dado e como algo-ainda-a-ser-determinado, é entonado, tem um tom emocional-volitivo e entra em relação efetiva comigo dentro da unidade do evento em processo que nos abrange. Um tom emocional-volitivo é um momento inalienável do ato realmente executado, mesmo do mais abstrato pensamento; na medida em que eu esteja realmente pensando nele, isto é, na medida em que ele seja realmente atualizado no Ser, torna-se um participante do ser em processo.” (Bakhtin, 1993)

Essa aposta no vir-a-ser é o que caracterizará a sua noção ulterior de *memória de futuro* (cf. Bakhtin, 1992): no mundo ético, “o centro de gravidade” de nossa ação presente situa-se no futuro; “concretizada, [a ação presente] torna-se pré-dado para futuras ações, sempre orientadas pelo sentido que lhe concede a razão perpetuamente situada à frente.” (Geraldí, 2003a:45)

No domínio da estética, Bakhtin entende a arte como atividade social, que estabelece uma interação entre criador, contemplador e herói. Se o discurso na vida, lugar e tempo da ética, contém julgamentos de valor presumidos que não precisam ser enunciados justamente porque “estão na carne e sangue de todos os representantes” da comunidade, o discurso na arte é um evento criativo que realiza a explicitação desses valores, provocando-nos estranhamento ao promover o confronto com “crenças, conceitos e preconceitos aos quais reagimos porque pareciam tão entranhados que se faziam ocultos” (Geraldí, 2003b:5). Por exemplo, a personagem Ana, do conto *Amor* de Clarice Lispector, abalada com o encontro que tivera com um homem cego que mascava chiclete, se depara

na rua com uma mulher *com um rosto*. Inúmeros desdobramentos para a compreensão da subjetividade, da impessoalidade, podem ser delineados do estranhamento que uma descrição dessas pode provocar no leitor.

#### 4. Diálogos com a pós-modernidade

Diante do descentramento, do mal-estar e da instabilidade, e ainda diante da suspeita das metanarrativas que se pretendem universais, o que se pode esperar do fazer científico? Como dizer essa questão na língua de Bakhtin? Para além disso, como dizer a identidade? Como encontrar um lugar para a identidade na est-ética bakhtiniana?

Teóricos como Anthony Giddens postulam que com pequenas teorias e soluções precárias podemos levar as coisas adiante. E a precariedade, se não tem um lugar previsto na reflexão bakhtiniana, pode ser articulada a ela. Trata-se de pensar uma ciência que dê conta do singular e do único que, sendo ato, nos é apresentado em evento. Fazer ciência é, portanto, investir no vir-a-ser, naquilo que será alcançado, e não no dado, pronto, terminado. Reconhecendo-se a centralidade da linguagem e sua natureza axiológica, pode-se pensar num fazer científico que, ao mesmo tempo em que reconhece a precariedade e a localidade do saber, investe na *memória de futuro* que os atos responsáveis permitem calcular.

Vejamos um exemplo. O teórico da pós-modernidade Zygmunt Bauman, em sua reflexão sobre a teoria social, ao reconhecer a cisão mundo da vida/mundo da cultura, valoriza o *evento* como alternativa.

“Creio que a experiência humana é mais rica do que qualquer de suas interpretações, pois nenhuma delas, por mais genial e “compreensiva” que seja, pode exauri-la. Aqueles que embarcam numa vida de conversação com a experiência humana deveriam abandonar todos os sonhos de um fim tranqüilo de viagem. Essa viagem não tem um final feliz - toda sua felicidade se encontra na própria jornada”. (*apud* Pallares-Burke, 2003)

E uma ciência que valorize o evento, na visão de Bauman, se aproxima mais do fazer discursivo da arte do que do fazer científico que nos apresenta a sociologia de hoje:

“(…) me lembro de ganhar de Tolstói, Balzac, Dickens, Dostoiévski, Kafka ou Thomas Morus muito mais insights sobre

a substância das experiências humanas do que de centenas de relatórios de pesquisa sociológica. Acima de tudo aprendi a não perguntar de onde uma determinada idéia vem, mas somente como ela ajuda a iluminar as respostas humanas à sua condição, assunto tanto da sociologia quanto das "belle lettres".

(...)

Mas, acima de tudo, a maior vantagem da narrativa dos romancistas é que ela se aproxima da experiência humana do que a maioria dos trabalhos das ciências sociais. Elas são capazes de reproduzir a não-determinação, a não-finalidade, a ambivalência obstinada e insidiosa da experiência humana e a ambiguidade de seu significado". (id.ibid.)

Falando a língua de Bakhtin, Geraldi (2003b) propõe que a questão agora é encontrar na linguagem mesma, que permite o acesso ao evento, "os indícios do que não sendo explicitado contém explicitamente o que merece a explicitação e a revisão de nossas compreensões da vida cotidiana."

Aliás, a concepção de linguagem é provavelmente o maior ponto de convergência entre a teorização pós-moderna e o dialogismo bakhtiniano. Em Bakhtin, a intersubjetividade assume caráter primordial na compreensão da linguagem e do sujeito. O outro não é mero receptor de formulações elaboradas por um sujeito doador de sentido; o outro é condição mesma para a existência do eu. É a partir da relação com o outro, isto é, da *interação*, que se pensa a linguagem em Bakhtin. E a pós-modernidade, ao rejeitar um sujeito indivisível, senhor de si, aposta justamente no caráter gregário da ação humana. O sujeito existe na medida em que interage com o outro: daí o diálogo agônico, o mal-estar e a própria comunicação.

Tal discussão sobre o fazer científico e sobre o modo de se encarar a linguagem, nesses dois lugares, envolve, necessariamente, o problema da identidade. Poder-se-ia colocar a questão acima em outras palavras: pensar a *identidade* de uma ciência ao invés do *fazer* ou da *epistemologia* de uma ciência. Afinal, o lugar da identidade (ou nos termos de Ferreira (2002), o não-lugar, já que a identidade se afirma numa economia de promessa), em Bakhtin, pode ser situado numa estética que identifica a fala interior do poeta como o "produto de sua vida social inteira" ou numa ética cujos atos responsáveis são a comunhão do pré-dado com o vir-a-ser. Saliento nesse ponto da estética bakhtiniana o papel da alteridade e também o da diferença, implicada no

estranhamento da explicitação do que é presumido, apagado, naturalizado. No caso da ética, pré-dado não se caracteriza por um *a priori* que prenda a identidade numa camisa de força; trata-se da história, do “centro de gravidade”, memória de futuro, o que vem a ser reivindicado.

Encerro esta reflexão com a tentativa de desvelar um julgamento de valor presumido, que de tão incrustado, talvez não nos demos conta. Trata-se das mudanças que ocorrem no caminho (identidade?) do viajante. Nas *Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino, o navegador Marco Polo coloca a equação nos seguintes termos: “aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado”.

#### NOTAS

<sup>1</sup> A metafísica da substância licencia, por exemplo, a concepção humanista de uma “pessoa substantiva, portadora de vários atributos essenciais e não essenciais.” (Butler, 2003:29).

<sup>2</sup> Essa noção de totalidade estende-se também ao domínio dos estudos da linguagem, por exemplo, na visão inatista chomskyana.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bauman, Zygmunt (1998) *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama.
- Bakhtin, Mikhail (1976) Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica). Trad. Cristovão Tezza (Título original: Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics, publicado em V. N. Voloshinov, *Freudism*, New York: Academic Press, 1976).
- \_\_\_\_\_. (1992) *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1993) *Para uma filosofia do ato*. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza (Título original: *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993).
- Butler, Judith (2003) *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. (1998) Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo” In *Cadernos Pagu* (11):11-42. Trad. Pedro Maia Soares.

- Ferreira, Ruberval (2003) *O “11 de setembro” na mídia ou o jogo da linguagem na construção da nova alteridade inimiga do ocidente e suas implicações ético-político-ideológicas* Projeto de tese para Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Ferreira, Élica P. (2002) Uma reconsideração radical da noção de identidade ou a promessa de uma língua? In *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, (40):9-16.
- Franchi, Carlos (1992[1977]) Linguagem – atividade constitutiva. In *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 22.
- Geraldi, João Wanderley (2003a) A diferença identifiça. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In Freitas, Maria Teresa et al. (orgs) *Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_. (2003b) Alteridades: espaços e tempos de instabilidades. Campinas: Unicamp (mimeo)
- Giddens, Anthony (2002) *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.
- Hall, Stuart (2002) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Lispector, Clarice ([1964]1998). *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco.
- Lyotard, Jean-François (1998) *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Pallares-Burke, Maria L.G. (2003) A sociedade líquida: entrevista com Zygmunt Bauman. In *Caderno Mais, Folha de S. Paulo*, 19/10/2003.